

O MODERADO.

PERIODICO POLITICO E LITTERARIO.

EDITOR E ADMINISTRADOR ALBINO P. DE SZ.ª PEDERNEIRA.

Assignatura por anno 2\$000 — Semestre 1\$100 — Trimestre 600 — Mez 240 — Folha avulsa 30 — Anuncios por linha 2\$ — Repetidos 20 — Correspondencias 30 reis. — Assigna-se este periodico no escriptorio da redacção, rua Nova de Sousa n. 25 o qual estara aberto todos os dias, para receberos annuncios e correspondencias. As de fóra devem ser dirigidas ao Adminis rador, e editor responsavel francas de. porte — Assigna-se tambem no Porto, na redacção do Porto e Carta. — Vende-se no escriptorio da redacção. — Sahirá as Quartas feiras e Sabbados, não sendo dias sanctos de guarda.

BRAGA 5 DE DEZEMBRO.

CEDEMOS o lugar do nosso artigo principal ao que publicou o *Campeão do Vouga* no 1.º do corrente mez. O collega dirige-se n'elle ao governo e á imprensa. Nós não podiamos ficar silenciosos.

Graves accusações são feitas pelo *Campeão do Vouga* ao sr. governador civil d'aquelle districto. Falas-hemos resvalar para o governo e especialmente para o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães. S. ex.ª é o primeiro culpado nas tropelias feitas pelas suas authoridades, porque a s. ex.ª incumbe a execução da lei que manda demittir e processar os empregados que prevariquem.

A qualidade de *galopin eleitoral* é para o sr. Rodrigo superior a todas as condições. Não importa calcar a lei e com ella os povos; não importa transigir com os matadores, conviver e proteger os ladrões; não importa ser um fero tyrannete; não importa a total negação de todas as qualidades precisas para se ser um funcionario recto e honrado. Não, senhores; tudo isso são banalidades: — o que se precisa, o que unicamente se exige, é que se seja um bom trampolineiro eleitoral, um vil e cego executor das ordens secretas do

sr. ministro do reino. E' por isso que o sr. Anthero Albano foi mandado a substituir no governo civil d'Aveiro um probo e digno magistrado, que se não intromettia em eleições, nem vergava a cabeça ás exigencias turtuosas do sr. Rodrigo. E' por isso que os homens honrados e intelligentes estão mettidos ao canto, sem utilizarem ao seu paiz, em quanto que os camaleões e os tranquiberneiros comem a um e dois carinhos. E é por isso, consequentemente, que o paiz se vai arrastando para um pelago d'insondaveis calamidades de que só a Providencia o poderá salvar.

Bem sabemos que clamamos no deserto. Não ignoramos que a repetição dos escandalos, e a impunidade serão a unica satisfação dada aos clamores da imprensa; mas registamos os factos; cumprimos um dever, e pugnamos assiu tambem pelos direitos d'um povo bem digno de melhor sorte.

O nosso collega do *Campeão*, é assim que formulou o seu artigo:

AO GOVERNO E A IMPRENSA PERIODICA.

AVEIRO é uma verruga hedionda na face do paiz. Administração publica não a ha, ou se ás vezes se faz apparecer e para cortar a liberdade, e impôr a sua força brutal, aos que vivem na fé das instituições. O governo civil é uma tribuneca odiosa,

onde se acoitam as malquerenças, onde se votam ás gemonias os que abraçaram as disposições do codigo liberal. Alli não se inaugura o principio logico da tolerancia politica e pessoal. Alli é o cadinho onde se apura tudo quanto ha d'extravagante para supplantar os que obram na conformidade da lei e do dever.

O governador civil, quando lhe parece, declara-se em dictadura, e invadindo as attribuições do poder moderador, absolve os condemnados pelos tribunes, e concede ao crime o premio da virtude. Contraindo obrigações onerosissimas, hypothecando o seu poder à illegalidade, sujeitando-se a compromissos nada honrosos, procura aniquilar a ordem para se resalvar da responsabilidade que o esmaga. Nesta epocha em que é mais difficil a corrupção erguer a cabeça, é preciso que o apparato do proprio crime deslumbre os que pretendem encara-lo. Mas a moralidade vibra o escalpello da analyse, e ai do que aparar os seus golpes, e do que usar embutar o seu gume cortante e afiado!

A missão do governador civil de Aveiro tem sido fatal e arriscada. Rodeado de maus conselheiros, instrumento docil de suas tropes maquinações, s. ex.ª avançou demasiado no labyrintho de que ja não pode sair. Li-

FOLHETIM.

CARTA DO GINJA DA LOURINHÁ AO REDACTOR DO PERIODICO O MODERADO.

Lourinhá, 25 de Novembro.

AMIGO REDACTOR: — Transmitto lhe o que sediz no pasmatorio desta terra.

As eleições das camaras municipaes assustaram o governo, porque o governo soube que os partidos politicos, cartista e progressista, tinham vida e perfeita saude, e era uma mentira safada o que os arautos da situação por ali diziam da sua morte. E que fez o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães nesta conjunctura? Disse e escreveo: — deixem livre o accesso á urna, não ficam questão das eleições municipaes, que não tem importancia politica.

Ora digam que não é a raposa a declarar verdes as uvas a que não podia chegar! Vae sendo quando ali começam os gestores de negocios do sr. Rodrigo a clamar por tola a parte, *urbi et orbi*, o governo quer a eleição liberrima, ha-de confundir os seus inimigos com o seu tolerantismo. Pobres diabos! Só servem para receber e dar depois o recado! Mas o

susto cresceu e tomou vulto, e ou pela debilidade a que o levou a molestia, ou por effeito da sua decrepitude, o sr. Rodrigo vê um fantasma diante de si, ou (não sei quê com pes de cabra). Treme, resa ao Senhor Jesus dos Atribulados, e promete á Senhora da Agonia de Vianna do Castello, de ser serio um dia e de fallar verdade uma vez! N'este comenos deita-se, passa a noite tranquillo, accorda no dia seguinte com um pouco mais de vigor e de coragem, e diz e escreve aos commandantes officiaes, officiaes inferiores, e cabos de policia: — o dito dito; excepto se a opposição manifestar tendencias politicas. A invicta cidade do Porto era aonde mais temiam que se desse o caso da excepção: persuadiram-se mesmo disso os Vallados e Companhia: tocam a rebate tarde e a más horas, vão a seus postos, preparam-se para a pelega d'igo e passam listas á sua tropa! A acção é dada no dia 18 do corrente; triumpho o partido da carta, mas felizmente não ha mortos nem feridos de parte a parte, e só ha alguns soldados do governo fóra do combate, e alguns outros desertados para o campo inimigo! Honra seja feita aos gregos, troyanos, e aos de Lobios, porque tollos se houveram com coragem e todos pelejaram dignamente, exercendo um direito politi-

co. Em outras terras do reino passaram as eleições já desaparecidas, já dando em resultado a reeleição, já triumphando os progressistas, já os cartistas, já não apparecendo ninguém pelo desgosto, talvez, de verem, como viram, em breves dias extincto o seu concelho, e já finalmente, como em Braga, abraçando-se a lista da opposição, por se ter communicado (que sei eu) ao Breliandos o susto do sr. Rodrigo, ou por querer, como sempre, macaqueal-o, ou porque achou tambem as uvas verdes!

O que é certo é que estas malditas eleições soam-me assim a um ensaio do responso funebre que se diz ha-de cantar-se pela alma do ministerio e da situação na proxima futura eleição de deputados. O que é certo é que o desengano vae calando no animo de todos. Vezitas ao pelludo Francisco deixa o chapco, ao Custodio que não tem pello, e ao Gaspar do panuo Piloto.

E' verdade. Tive por este paquete noticias do sr. Fontes Pereira de Mello? Dens queira que elle traga troco para os soberanos. Sou o

seu amigo

Ginja.

garam-lhe os pulsos enervaram-lhe a compreensão, e agora, sem força, nem vontade, mal visto no districto por todos os que censuram os actos da sua vida publica, sente talvez, as suas faltas, mas não tem o arrojo necessario para se separar dos que o sacrificaram a seus interesses, malquistando-o com a parte justa e sensata de seus administrados. Compellido a receber as insinuações dos que só o sabem comprometter, satisfaz-lhes todas as exigencias, com quebra da sua reputação. Colocado em tão tristissima situação, as suas faltas crescem a todos os momentos, em prejuizo das immundades sociaes.

Ha tempos abafava processos criminosos; e protegia os que negociavam com os desvios dos fundos publicos. Hontem dava carta branca aos excessos dos galopins eleitores, e auctorisava as tropelias de seus subalternos. Hoje hoje, fechando os olhos ao crime, consente que se nomeie empregado da administração do concelho o salteador que, abusando da confiança de um homem que o acolheu em sua casa, o rouba no deposito que lhe commettera! Seria por ignorancia que o sr. Anthero impoz aquella nomeação ao administrador do concelho? Deixemos responder o documento que exhibimos, e que foi remettido pelo governador civil do districto da Guarda a todos os governos civis do continente do reino, e em virtude da reclamação do signatario:

« Guilherme José de Lima, filho de Jose Luiz de Lima, e d'Anna Maria do Carmo, de Lisboa, freguezia de S. Nicolau, idade 44 annos, altura 63 pollegadas, cor trigueira, picado de hexigas, cabello, barba, e olhos castanhos escuros, serviu em diferentes corpos do exercito, e ultimamente no 4 d'infanteria na qualidade de 1.º sargento; foi condecorado com a Torre Espada em 23 de Julho de 1832, e 16 de Maio de 1834; tambem consta por documentos que existem em meu poder ser casado com duas mulheres, ambas ellas vivas, uma da cidade de Beja, chamada Maria Carolina do Carmo, filha de Sinião José da Costa, e de Maria Thereza, da freguezia de S. João Baptista d'aquella cidade, (segundo a certidão de matrimonio). Em Lamego com Maria Polcheira da Conceição. Tomei-o ao meu serviço em Setembro passado, e mandando-o no dia 13 do corrente a Foscoa levar 96:000 rs., com carta minha a Antonio Augusto d'Almeida, não fez a entrega, e levou roubados, alem d'aquella quantia os seguintes objectos: Um cavallo capão de 6 e meia quartas d'altura, cor de castanha, idade 6 annos, calçado de branco nos pés, estrella na cabeça; duas pistollas de cavallaria; um selim á busard sem patilhas; duas mantas riscadas, um par d'alforjes de lã forrados de cordavão abezerrado; uma capa uzada forrada de panno verde bronze, e pelle de lontra na golla; pernoitou no dia 13 em Foscoa, e seguiu a estrada de Lamego. Pedese portanto a todas as autoridades a captura d'aquelle ladrão. Santa Maria d'Aguiar 16 de Novembro de 1854. — Manoel Antonio Marçal. »

Mais um documento que comprova a idoneidade da pessoa:

« Elvas 30 de Novembro de 1854. — Meu caro Marçal. — A respeito do que faz o objecto da tua carta tenho a dizerte o seguinte:

O ladrão Lima, desertou do meu regimento com parte do pret da companhia, e tudo quanto lhe pertencia; em consequencia do que officiei a todos os governadores civis e commandantes das divisões militares para ser capturado, apparecendo, como desertor deste regimento, e ladrão: soube a final que tinha estado em Lamego nove dias sem as auctoridades darem por tal, e agora sei pela tua car-

ta que o mesmo aconteceu estar nessa cidade para perpetrar mais um roubo. O homem tem uma baixa d'infanteria 11 que julgo ser a que apresenta para se fazer acreditar, e isto mesmo mandei dizer ás autoridades para não fazerem caso da tal baixa; ora já vez que elle não pode apparecer por aqui; com tudo se tal acontecer te avisarei. Teu amigo etc. — J. R. Peixoto. »

Esta carta é escripta pelo proprio punho do brigadeiro commandante do regimento d'infanteria n.º 4.

Alem do roubo feito ao sr. Marçal ha mais o que fez á companhia do regimento n.º 4, pelo qual já se tinha dado ordem para a sua captura em todas as cabeças de districto!

Accresce mais que este homem acolhido pelas autoridades administrativas d'Aveiro, contrahiu ha pouco nesta cidade terceiras nupcias, estando vivas as mulheres com quem se ligara em Beja e em Lamego! Abitemos um novo crime. Ao ladrão e ao desertor, ao que infligira as disposições das leis civis e militares, junta-se o polygamo, o que tambem violara os preceitos da lei religiosa! E este homem é o protegido pelo primeiro magistrado do districto d'Aveiro!

Ainda mais: fundados nas participações que temos em nosso poder, perguntaremos:

Será verdade que o ladrão, o desertor, o polygamo Guilherme José de Lima, official da administração deste concelho, residiu em Aveiro desde a sua evasão das prisões da capital, donde foi reclamado quando se lhe instaurou o competente processo, de que ficou pronunciado, no julgado da Figueira de Castello-Rodrigo?

Será verdade que o ladrão, o desertor, o polygamo Guilherme José de Lima, se conservou alapado aqui na cidade, onde a acção da policia devia ser um proverbio, sem apresentar passaporte, nem documento algum official que provasse a regularidade da sua conducta, como se faz em todas as terras do reino?

Será verdade que o ladrão, o desertor, o polygamo Guilherme José de Lima foi recebido na casa de um empregado da confiança do sr. Anthero, que o tem protegido, e que ultimamente o fez nomear official da administração?

São tres perguntas de facil resposta, as que ali deixamos consignadas.

Muito bem. Aqui temos um exemplo bem tristemente celebre. Temos a protecção de autoridades a individuos incursos nas disposições penaes. De hoje ávante os ladrões devem procurar-se na administração do concelho d'Aveiro. Alli, no sanctuario que a lei veda ao criminoso, encontrar-se-ha, percebendo ordenado dos cofres do thesouro, o desertor, o ladrão, e o polygamo! D'aqui a pouco o governo civil occultará tambem aos olhos da lei os facinorosos e os salteadores! Isto é cathorico. A impunidade fará ousados os protectores dos bandidos.

E como hão-de as autoridades vigiar pela segurança publica, se estão em intelligencia com os malfetores? É impossivel. A logica dos factos assim o demonstra.

Ha talvez quatro mezes que o reu se fez visivel para os habitantes da cidade. Foi com bastante estranheza que

se soube da sua nomeação, porque o reu tinha quasi sido caceteiro e assassino. Foi com uma especie de tedio que se viu novamente esse homem que já tinha sobre o dorso accusações gravissimas.

Soube-se depois que o reu Lima, acompanhava o sr. Anthero nas suas repetidas digressões ao Porto. E não se estranhou a convivencia do amo e do creado. Tambem Domingos Sangria, o refractario que se tinha subtrahido à pena que lhe impezeram os tribunales judiciais, fugira dos presidios d'Africa e tinha acolhimento da authority superior do districto!

Ainda mais. A administração publica aqui está completamente desorganizada, revolve-se n'um cahos. Segurança individual não existe. Falla-se em assassinatos com toda a liberdade. A vida do cidadão corre perigo se quanto antes se não providenciar acertadamente. Este estado é anormal. Aveiro está pois á mercê do punhal do assassino. O cacete e o trabuco não se farão esperar.

É preciso que o governo attenda ao estado deste districto. É indispensavel que os poderes publicos attentem sobre a posição deste povo. As nossas queixas tem sido baseadas em factos. Pedimos que se escute o clamor da opinião publica. Queremos ordem, paz, e tolerancia. Queremos autoridades que não dem protecção aos criminosos, e que não garantam ao crime a impunidade. Queremos funcionarios que saibam comprehender os seus deveres, e que não os desprezem para satisfazer os seus caprichos e vindictas.

O districto d'Aveiro está n'uma conflagração, e expia injustamente as faltas do magistrado que o administra. A immoralidade campe de todos os lados. O assassino e o salteador percorrem desassombrados as terras que lhes apraz.

E o governo regenerador não deve consentir que se abuse dos poderes que conferiu aos funcionarios da sua escolha. Tem obrigação de prover ás necessidades publicas assegurando a ordem social.

Sob o reinado do sr. D. Pedro V, do monarcha esperançoso que hoje preside aos destinos da nação, não se deve consentir que se calquem as leis, e que se desattendam os principios que devem regular a humanidade.

Reclamamos a attenção da imprensa sobre a questão que aqui apresentamos. A imprensa deve moralisar todos os actos das autoridades constituídas, assegurando ao nosso organismo civil, politico, e social a sua independencia, e protegendo-o, como lhe cumpre.

Ao governo e á imprensa, a estes dous poderes dos estados constitucionaes, commetto esta questão de tanta transcendencia para o nosso districto. É forçoso compulsar todos os acontecimentos de ha dois annos, recapitulal-os, e proceder immediatamente segundo as exigencias da conveniencia publica.

Um grave transtorno typographico, d'estes que não é dado a ninguem prevenir, deu causa a que a nossa folha não podesse sair hontem como devia. Pedimos aos ill.ºs snrs. assignantes desculpa desta falta, que commettimos bem involuntariamente, e até com prejuizo.

6 de Dezembro.

COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.

Estatística das approvações nos exames publicos feitos pelos alumnos deste estabelecimento, no anno lectivo de 1854 a 1855.

No Real Collegio Militar.

Julho. Outub. Total.

Portuguez	1	61	
Francez	1	1	
Inglez	1	1	
Latim	1	1	
Desenho	1	1	

No Lyceu de Lisboa.

Instrução primaria	12	15	27
Francez	6	8	14
Inglez	2	2	4
Grammatica Latina	5	5	10
Latinidade	3	1	4
Philosophia Racional e Moral	3	1	4
Rhetorica, &c.	1	1	2
Geographia, Chronologia e Historia		1	1

Na Eschola Polytechnica.

Grammatica Portug.	16	8	24
Arithmetica	1	23	24
Francez	7	8	15
Inglez		4	4
Latinidade		2	2
Logica	2	3	5
Desenho	14	8	22

Na Universidade.

Francez	1	2	3
Allemao (de preferencia)	1		1
Latinidade	1	3	4
Philosophia Racional e Moral	1	1	2
Rhetorica, &c.	1	1	2
Geographia, Chronologia e Historia	1		1
Total	84	99	180

Ahi está o elogio que fazemos aos alumnos do Collegio da Conceição: uma estatística tal escusa-lhe bem outro qualquer.

Os nomes dos individuos que fizeram os ditos exames serão inseridos no seguinte numero deste jornal.

O collegio vai mudar no fim d'este anno para o bello edificio que foi mosteiro das Religiosas de S. Bernardo, no alto da rua da Esperança. A direcção fez aquisição d'esta grande casa por não ter já onde recolher os alumnos, em consequencia da muita affluencia, e tambem para dar maior latitude ao estabelecimento. Alli todos os estudantes ficarão em quarto separado, para o que se estão restaurando as antigas cellas.

O Director

Joaquim Lopes Carreira de Melo.

(Instrucção Publica).

Pedem-nos a publicação do seguinte

(Communicado.)

APPARECU finalmente a nova di-

visão territorial, esse decanado parto da regeneração, que, só teve por fim crear mais alguns nichos para servir afillados, sendo certo que o bem estar dos povos, se não no todo, na maior parte peorou, e não melhorou.

Approveu ao snr. ministro das justicas, regenerar o lugar de Villa Verde, fazendo para alli a transferencia da comarca do Pico, e fez na verdade uma injustiça com a tal transferencia, que só podia ser praticada pelo governo actual. Não se lembrou o snr. ministro das justicas, que o Pico foi elevado á cathogoria de cabeça de comarca em 1834, e que desde então até hoje ainda nenhum governo achou inconveniencias pelas quaes, podesse ordenar tal transferencia; nem tão pouco lembrou a ministro algum que Villa Verde fosse o centro para a freguezia de Covas e Gondomar! Sua ex.^a por certo não sabe o que é Villa Verde, nem tão pouco sabe o que é melindre de justiça; porque do contrario não faria com que os empregados na nova comarca tivessem de viver dispersos uns dos outros pela falta de commodidades que ha naquelle lugar.

Muito bem, snr. ministro: attendeu aos seus afillados; fique sabendo porém que os povos dos concelhos abolidos e mandados para Villa Verde tem esperanças n'um governo que lhes faça justiça, e que os destinos d'uma nação briosa não serão por muito tempo entregues a um governo como o è o actual. Proxima e bem proxima está a campanha eleitoral: é essa a lide que concede ao cidadão o melhor de todos os direitos, e é só para então, snr. ministro, que os povos do Pico, e mais concelhos que compunham alli a comarca, esperam desaffrontar-se, escolhendo procuradores que juntos ao nosso bom Monarcha, reclamem aquillo que por direito é bem estar dos povos, lhes pertence.

Pico 26 de novembro de 1855.

J. O.

GAZETILHA.

Carne. — E' escandalosa e escandalosissima a maneira porque n'esta cidade se vende em todos os talhos a carne de vaca ao povo. Quem quizer um arratel deve mandar comprar dois; porque metade é roubo, osso, e algumas vezes (quando por mais favor) um bocão de rim ou figado já corrupto. Não ha nada mais revoltante. Em todos os concelhos proximos se vende a carne a menos de 60 reis; em Braga vende-se a 70 rs., magra, mal sangrada, roubada, e muitas vezes em estado de putrefacção. Pedimos ás auctoridades competentes vigilancia sobre os talhos. O povo paga a carne cara; deem-lh'a ao menos boa. — Promettemos tomar a nosso cuidado, este negocio que está sendo um trafico miseravel, sem fiscalisação alguma por parte das nossas tão descuidadas auctoridades.

Falta de policia. — Em muitas ruas da cidade se encontram, às vezes, amarrados a argolas de portas, ou aonde melhor lhes convem, os burrinhos de moleiros, e padeiras, e finalmente de quem entenda que deve atravessar os nas ruas, ameaçando quem passa de levar algum pontapé. Nas terras bem policiadas, não se tolera este attentado contra as posturas da camara, ou outros quaesquer regulamentos policiaes; mas em Braga, aonde as auctoridades

a quem compete vigiar pela commodidade dos povos, são as primeiras a promover que se abram e que se conservem abertos fossos perigosissimos, tal como um que ali ha no Campo dos Touros, não admira que se tolerem os innocentes burrinhos em hostilidade com as canelas dos cidadãos.

Viação Portuense. — Tivemos occasião de presenciar o estado em que se acha a estrada entre o Porto e Braga, que não tem nada de lisongeiro. Procurámos saber qual a razão porque assim a tem a Companhia quando ella é a primeira a perder; e informam-nos que a ruina da estrada vem principalmente, senão unicamente, do uso que por ella se fez de carros com rodas cortantes. Desde ha muito se sabe que simillhantes rodas são a ruina das estradas, e nos municipios que presam os seus interesses ha muito tambem que ellas são condemnadas. Assim a Companhia não é a que tem culpa do triste, pessimo, e lastimoso modo porque se acha a sua estrada. E' ella sim que soffre os prejuisos que taes carros lhe causam, apesar das reclamações que contra elles nos dizem tem feito ao governo, e ás quaes elle como costuma tem sido surdo. — Na administração do sr. conde de Thomar, — administração em que os melhoramentos materiaes eram uma realidade e não uma triste pantomima para engordar regeneradores, — sabias providencias se tinham dado contra os carros de roda estreita tão damnablas á viação publica. Hoje, porém, quando o fomento nos quer fazer girar por ferros carris, não importa que as estradas de pedra se arruinem. — Assim vaca tudo nesta triste quadra de fomento; os povos perdem; as companhias perdem; o paiz delinha-se, e tudo porque o governo inepto que lhe preside não olha com attenção para as suas necessidades, não procura coadjuvar as empresas que tão uteis podiam ser-lhe. — Pela nossa parte, descrentes de tudo que de bem possa vir-nos do actual governo, recorreremos ás camaras dos municipios que por aquella estrada mais transitam, e pedimos-lhe que façam, o que couber em suas attribuições, para obstar quanto possivel seja á ruina daquella tão util estrada e bem assim á de todas as outras por onde girem os carros em questão.

A estrada entre o Porto e Braga é para nós uma questão vital. Braga muito tem ganho com ella; e não quizeramos retroceder quando mais podemos avançar. — E' por isso que temos fallado d'este assumpto, temos procurado saber as causas da sua visivel decadencia, e continuaremos a tratar este negocio como um dos mais importantes para a nossa cidade e districto.

Tabaco veneno. — Vimos hontem um individuo, que diz fumar ha 15 annos, anciado com tres fumassas que tirou a um charuto comprado n'um estanco do real contrato. Fumou-lhe meia pollegada e não pôde resistir-lhe, apesar do habito em que já está de fumar pessimo tabaco. O sabor era d'um amargo, disse elle, insuportavel, e o cheiro (d'esse tambem nós pechinchámos) era pestilencial e ninguem diria que era de tabaco. Não se pode nem deve tolerar um tal desaforo: é preciso que o snr. delegado de saude examine os estancos e faça inutilisar o tabaco de fumo e de cheiro que não esteja em bom estado; mas não se illuda com a casquinha dos charutos; abra-os, e verá que tem o coração muito differente da cara.

Estamos na aldeia de Barroso — No domingo á noite appareceram á Porta Nova, quando tocava a musica, alguns individuos, como é costume, embulhados em mantas, com saias de mulher pelos hombros, com capas do avesso, etc. etc. — Entre elles distinguia-se um, que alem do seu traje um tanto mysterioso, trazia um enorme nariz postico, que de todo o desfigurava, e que mettia

em todos os grupos de pessoas que por alli estavam. — Este pobre diabo andava por certo mostrando a sua galanteria; mas podia tambem andar com o intento de estripar alguém. Então isto que é? Estamos em Braga, ou n'uma aldéa sem policia de qualidade alguma? Sr. governador civil; sr. administrador do concelho; é preciso olhar para estas *ninherias*.

Chegada. — A esta cidade chegou no domingo o sr. Dr. Montinho, da cidade do Porto. S. s.^a vem tratar pelo methodo homeopatico, em que é insigne, a esposa do facultativo d'esta cidade o sr. Luiz Maria Ramos. Esta sr.^a achava-se seriamente enferma, e segundo nos affirmam, por virtude do recituario do sr. Montinho, experimenta já consideraveis melhoras. Damos os parabens á ex.^{ma} docente, ao seu illustre marido, e ao sr. doutor Montinho pelos bons resultados que quasi sempre tem collido e continua a colher do seu novo methodo do curar.

Suicidio. — Na noite de 27 de passado, suicidou-se tomando arsenico a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Benedita de Gosmão Calheiros, esposa do illm.^o sr. Antonio Pereira da Costa Lacerda e Mello, da Ponte da Barca. Não se sabe o que dera causa á triste e desesperada resolução que tomára aquella virtuosa sr.^a em preseuça de quatro innocentes e interessantes filhos, do extremoso marido, de seus paes que a adoravam e da povoação, em que vivia, que muito a respeitava. Sentimos este fatal acontecimento, no qual não deixou de ter culpa a pouca cautella que ha nas pharmacias em vender, drogas venenosas, sem ordem de pessoa competente.

Diligencias. — Os carros da companhia Viação Portuense partem agora ás 7 horas da manhã.

Malla do Brazil. — Fecha-se no sabbado a mala, que pelo paquete deve levar ao Brazil a correspondencia recebida na administração postal d'esta cidade.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

DO AUTHOR DA CORRESPONDENCIA DE 21
DE NOVEMBRO AO PHAROL.

Já que o illuminado redactor do *Pharol* (ou esse que me falla) me obrigou a subir ao outeiro da maledicencia do qual me desalhou com seus gritos de calumniador, meliante, e outros, eu vou tambem, a exemplo seu, recitar-lhe somente em resposta uma ladainha de improperios, visto que lhe não servem outros argumentos... Mas não; que isto é cousa indigna. Deixemos estas armas á fraqueza e pequenez do bacharel (ou la quem quer que é) que não sabe manejar outras; deixemos isso para os regalões, da imprensa, cuja bocca só vomita o veneno dos sarcasmos e affrontas. Sim; eu desço voluntariamente o outeiro da maledicencia; nem é preciso que me dê a mão para descer, como o será para subir: mas em quanto vou descendo do outeiro, digne-se ouvir — V. S.^a não leu bem o que eu dizia na minha correspondencia, ou não lhe fez conta: esqueceu se talvez de espivitar o pharol antes de a ler, porque se o fizesse havia de ver melhor. Eu não disse que presenciei tudo n'um dia. Por quem Deus manda allumiar os povos do Minho! Eu não disse somente que foi recomposta a meza dos examinadores. Ditosos olhos, que

não vêem senão o que lhes agrada. Eu não disse que queria que se approvasse este estudante, ou se reprovasse aquelle. Maldita cegueira! maldito pharol! Eu não lhe disse que fazia milagres: *um milagre d'intelligencia* vejo eu em v. s.^a Eu não disse que o estudante que fôra reprovado duas vezes devia sel-o terceira ou quarta. Pelo amor de Deus! Santa Luzia lhe valha! O pharol faz-lhe ver phantasmas ao meio dia! Eu não disse que podia avaliar os exames de logica e latim, supposto não seja preciso ser bacharel para o fazer, e confessando v. s.^a que os mesmos estudantes que assistem aos exames os estão avaliando, mas digo-lhe agora que pela sua ladainha de despropositos e maledicencias com que me responde avalio muito bem o seu pouco senso. Ouça em despedida, por que já estou a tocar na raiz do outeiro. A mim parece-me que v. s.^a está já acostumado a mentir e contradizer a verdade, e foi este de certo o motivo porque me disse que eu miseravelmente nem para calumniar teho geito. E disse bem, talvez sem por desgraça o conhecer.

Agora que me vou retirar do outeiro da maledicencia aonde não voltei, sem ser de novo obrigado, lhe digo, como amigo da sua boa fama e credito do seu periodico, que se a allucção que por caridade fez foi obra de s. s.^a não servio senão para o sepultar no pelago das mais horrosas vergonhas: se queria responder por tal modo, era melhor deixar isso ao sr. Pinheiro que talvez melhor que v. s.^a saiba jogar disparates e vomitar insultos: e que não faça com que de mim se apodere outra vez o tal *espírito ruim* que me obrigou a fallar d'aquelles factos. Adeus. Deixe-me responder a duas perguntas que me fez o sr. Pinheiro.

Ahi vai sr. Pinheiro, em phrase *grossëira* (por que não sei a sublime) a resposta á sua primeira pergunta que diz — o pinheiro que se deixou torcer sou eu? Sim foi v. s.^a que se torcea obrigado pela força, que para isso empregou um seu muito presado amigo. E então não seria? Não foi v. s.^a que foi substituir a falta do examinador, e que approvou o tal estudante? Quem foi? O estudante não se atreveu a torcel-o pelas proprias mãos, mas as do seu caro amigo fariam até tombalo se necessario fosse. Está satisfeito? Parece que o deve estar. Ouça agora como se operou este milagre. O estudante que soube haver um santo (ou antes um mestre que o ensinou em oito mezes) intercessor valioso e effizaz pora com o sr. Pinheiro, depositando-lhe aos pés a moeda ou cousa equivalente, lhe rogou que com o balsemo de suas supplicas o amolcesse para facilmente se torcer em seu favor; e o caso foi que a santa moeda ou cousa equivalente, fez o milagre. Não se deixou pois v. s.^a desta vez curromper por dinheiro mas sim pelos rogos do seu amigo que recebeu o dinheiro, ou cousa equivalente, e como v. s.^a por certo ha-de estinar as fortunas dos seus amigos porisso mediatamente tambem interessou obsequiando o seu amigo. E então não merece por isto mais uma fineza do seu amigo que tambem lhe fez a vontade nos exames da instrucção primaria? Pois não!

Tambem quer saber os nomes dos estudantes? Pode saber-os, até sem lh'os eu dizer. A respeito do primeiro abra o livro dos exames na pagina onde se lançou o termo dos que fizerain exames no dia em que v. s.^a foi assistir aos ditos exames, e lá o acha escarradinho. Em quanto ao segundo, como elle foi o unico vindo d' Aveiro é igualmente facil advinhar-lhe o nome. Que mais lhe falta *meu santo innocente*? Ai sim; quer uma accusação mais clara. Isso, meu amigo não o sei fazer: já lhe tirei as duvidas que me pediu: no mais se não foi bem claro, suppra o defeito a sua *boa logica*. Mas parece-me que ella está clarissima. E só lhe fizeram mossa esses dous factos? Pois na minha correspondencia estão apontados factos da maior ponderação, como o fazer retirar da matricula de latimidade a muitos estudantes: excluir do exame de Instrucção Primaria a um, por declarar que não pretendia frequentar no lyceu, e alem destes mais alguns factos sobre os quaes fez vista grossa. Braga 2 de Dezembro de 1855.

João Antonio Velloso.

(Segue-se o reconhecimento).

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Nada ha d'interessante do estrangeiro. Está docente o imperador da Russia. Fazem-se preparativos para hibernar. E falla-se em paz, o que muitos dizem não ter fundamento. — Não recebemos a *Iberia*. O *Lão Hespanhol*, nada adianta.

ANNUNCIOS

QUEM quizer comprar os moveis pertencentes a estalagem, — *Vitella d'Ouro* falle com a dona dos mesmos, Bernarda Luiza Maria da Cunha, assistente na mesma estalagem. (27)

Não podendo despedir-me pessoalmente, como desejava, de todos os meus amigos desta comarca da Povoa de Lanhoso, com o mais sincero offerecimento de bem os servir em seus negocios, ao meu alcance, na comarca de Penafiel, para onde ultimamente foi transferido, — faço-o por este meio testemunhando-lhes ao mesmo tempo, o meu reconhecimento, pelas maneiras urbanas, e attentivas, com que sempre, se dignaram tractar-me. — Povoa de Lanhoso 3 de dezembro de 1855.
Joaquim Machado Pereira Brandão.

Confeitaria de Pierre Vié.

Acha-se este aciado estabelecimento, no Campo de Santa Anna n.º 66 aonde se encontra um variado sortimento de bom doce, entre o qual se acham as seguintes qualidades.
Biscouto da Rainha (arratel) 280 rs
Idem fino superior d.º 240 "
Idem ordinario d.º 160 "
Confeitos finos d.º 320 "
Amendoas d.º 240 "
Chá de superior qualidade a 1100
(37)

Typ. de A. P. de Souza Pederneira

Rua Nova de Souza n.º 25